

Educação infantil, educação física e atividades circenses

Lara Costa Dias

RESUMO

Atualmente no Brasil e no mundo detectamos o aumento da procura, por parte dos pais, das mães e das crianças, da possível inclusão das aulas de circo em escolas de Educação Formal e Informal. Diante disso, percebemos a necessidade de analisar e aprofundar nossas reflexões acadêmicas sobre a situação do binômio: *circo-escola*. Almejamos, portanto, localizar os pontos mais relevantes (experiências de êxito e de fracasso) da relação simbiótica do circo inserido nas aulas de Educação Física, no contexto da escola de Ensino Formal da Fundação Douglas Andreani. Dessa maneira, acreditamos que trabalhos que venham ampliar os conhecimentos sobre este tema têm relevante importância no âmbito acadêmico da Educação da Física. Deste modo o presente artigo tem como finalidade aguçar essa discussão teórico-prática de aulas de circo na Educação Formal, apresentando e analisando uma proposta real desenvolvida no ano de 2007 e 2008 na periferia da cidade de Campinas (Brasil). Nessa pesquisa estão expostas as atividades voltadas para as crianças de cinco e seis anos de idade nas modalidades manipulação e acrobacias. É apresentada, dessa maneira, uma reflexão com conteúdos tanto práticos como teóricos sobre a importância da utilização dos jogos circenses e seus imprescindíveis cuidados e recomendações para serem inseridos no currículo da Educação Física no Ensino Infantil.

Palavras chave: Educação Infantil, Circo, Educação Física escolar.

A procura pela Educação Infantil tem aumentado muito, tendo em vista a crescente urbanização, a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e a transformação na estrutura familiar, além da maior consciência da sociedade sobre a importância das experiências na primeira infância (LIMA, 2002). Apesar de no estatuto da LDB, título VI, art.62, constar a exigência de que a formação do profissional para atuar na Educação Infantil deva ser uma formação em “nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil [...]” (BRASIL, 1998, p. 39), a situação da Educação Infantil ainda é precária, e os professores muitas vezes não possuem formação acadêmica adequada e, portanto, não estão formalmente preparados para trabalhar com essa faixa etária.

É preciso na Educação Infantil tomar a “criança como ponto de partida” isto significa pensar num currículo que contemple diferentes linguagens em suas múltiplas formas de expressão, as quais se manifestam por meio da oralidade, gestualidade, leitura, escrita, musicalidade “Estas formas de expressão, vividas e percebidas pelo brincar, representam a totalidade do ‘ser criança’ e precisariam estar garantidas na organização curricular da sua educação [...] e não enquadradas em áreas do conhecimento e alocadas em disciplinas” (SAYÃO, 1999, p. 234)

Afirma-se cada vez mais a idéia de que é importante na Educação Infantil, um professor “completo”, que trabalhe com todas as áreas do conhecimento, mas muitas vezes, nas universidades, vemos que os profissionais de licenciatura, saem especializados e, portanto, com bagagem insuficiente para atuarem em todas aquelas áreas, surgindo então, a necessidade de dividir o tempo entre alguns profissionais, o que acaba acarretando uma disciplinarização desse nível de ensino.

KISHIMOTO (1999, p. 73) completa este raciocínio quando nos trás que:

As múltiplas relações que podem ser estabelecidas em ambientes educativos nos quais convivem crianças de faixas etárias diversas, juntamente com profissionais de várias áreas, além de pais e membros da comunidade, constituem portas de entrada para a construção do conhecimento que se processa quando se respeita a diversidade social e cultural, a multiplicidade de manifestações da inteligência e a riqueza dos contatos com personagens e situações.

Se por um lado, essa divisão pode tornar-se prejudicial porque a troca de um professor por vários professores faz com que as crianças se sintam deslocadas e os professores se sintam fora de contexto, por outro lado, se houver um entendimento entre os diferentes conteúdos das diferentes disciplinas, entre o professor que acompanha o grupo durante todo dia e os professores especialistas, ou seja, se for feito um trabalho realmente interdisciplinar, acredita-se que haverá uma melhoria na Educação Infantil, tendo esta, uma ação mais completa na vida das crianças.

O profissional de Educação Física tem algumas responsabilidades com essa faixa etária. Lopes (1997, p.12-13) escreve em sua dissertação de mestrado sobre a Educação Física na Educação Infantil:

Pode-se afirmar, então, que a Educação Física na idade pré-escolar pretende educar o domínio motor ou psicomotor (também assim chamado), permitindo a criança, segundo Machado (1994), um comando inteligente de suas ações físicas. Isto significa que o corpo é na criança, o elemento básico de contato com a realidade exterior (criança ambiente), portanto, para que possa chegar às capacidades de análise e síntese de representação mental, faz-se necessário que estas funções tenham sido realizadas previamente, e de forma concreta, através da ação corporal, executando tarefas motoras que visem desenvolver e refinar uma ampla variedade de habilidades fundamentais progredindo de

um estágio inicial, passando por um estágio elementar, para finalmente atingir o estágio maduro.

Além de educar a ação corporal da criança, o profissional de Educação Física também deve fazer com que a criança entenda a sua realidade, integrando assim a sua própria cultura ao seu movimento corporal.

Lima (2002, p. 27) diz que a Educação Física, tem um valor precioso, uma vez que proporciona a criança a chance de vivenciar “[...] diferentes formas de organização, da criação de normas e formas de realizar tarefas e atividades, de descobrir maneiras variadas de cooperação e participação nas mais diversas situações [...]” permitindo a modificação da criança e do seu meio social.

O jogo é uma ferramenta da Educação Física importantíssima para a introdução da atividade física na escola de Educação Infantil, devido ao seu caráter lúdico. Piaget (1932) expõe que por meio dos jogos podemos perceber o desenvolvimento da inteligência e do pensamento das crianças. Para isso, ele propõe uma classificação dos jogos em jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos com regras. Especificamente neste trabalho estamos falando do segundo estágio, que é o jogo simbólico, em que a criança cria aquilo que deseja no momento em que ela assim o queira, somente com pensamentos e imaginações.

Enfim, quando à inteligência motora se juntam a linguagem e a representação, o símbolo torna-se objeto de pensamento. A criança que empurra uma caixa dizendo “ram-ram” assimila, em sua imaginação, esse movimento àquele do automóvel: O símbolo lúdico está definitivamente construído. (PIAGET, 1932, p. 28)

O circo entra no âmbito escolar justamente no que diz respeito ao jogo, e na Educação Infantil especificamente, ao jogo simbólico/ dramático/ jogos teatrais e jogos historiados. Bortoleto (2006) apresenta em seu artigo “Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico” que o jogo é um tema muito abordado por muitas disciplinas como a matemática, a história, a filosofia entre outras e que, portanto, a importância do jogo para o ser humano e para a cultura é mais que um consenso universal, afinal, ele supre a necessidade lúdica e de socialização que possuem todos os animais incluindo os seres humanos, assim, o autor conclui afirmando que as atividades lúdicas em geral e o jogo motor em particular, constituem um conteúdo fundamental para o âmbito educativo, e que, além disso, transmitir todo esse conhecimento a seus alunos é responsabilidade do educador físico. Bortoleto (2006. p. 15-16) ainda completa:

En medio de este inmenso universo lúdico que abarcan los juegos, se encuentran los denominados “juegos circenses”, es decir, situaciones ludomotrices adaptadas y/o creadas en base a la motricidad típicamente circense. La puesta en práctica de estos juegos pretende, en primer lugar, aprovechar el potencial lúdico y motivacional que poseen estas situaciones para aproximar a los estudiantes al mundo del Circo, a menudo marginado en el ámbito educativo, tal y como señalan Gaquiere (1992) y Pitarch (2001, p. 56)

Ao contrário de algumas proposições teóricas que apresentam e justificam o jogo como importado em si mesmo, neste trabalho atribuímos ao jogo a situação lúdica para introduzir, acessar, discutir e vivenciar as atividades circenses na Educação Física.

A prática da atividade circense possui um grande valor sócio-cultural e está vivendo um aumento expressivo do interesse da população nos últimos tempos. Esta prática trás consigo valores cívicos, morais e educacionais de fundamental importância para a vida em comunidade e para o desenvolvimento pessoal e social, respondendo, dessa forma, a estas grandes necessidades da sociedade moderna. Além disso, trás consigo aquilo que as outras práticas trazem com menor ênfase: possibilidade de uma educação artística, corporal, estética e de criação, fruto da liberdade, autonomia e crítica artística. Enfim é uma possibilidade expressiva e comunicativa.

A sugestão desse trabalho é descrever e analisar uma proposta de atividades circenses que foram ser levadas para uma escola de Educação Infantil, onde o circo tornou-se uma realidade na vida das crianças, proporcionando assim uma experimentação de uma parte daquilo que é visto nos espetáculos circenses, levando-se sempre em conta as capacidades de cada criança.

Dessa maneira, esta proposta pedagógica teve como objetivo permitir que os alunos conhecessem as modalidades circenses e as vivenciassem, conhecessem os potenciais do seu corpo, do corpo do seu colega e dos materiais utilizados, aprendessem a fazer materiais alternativos, vivenciassem a experiência da alegria do circo e participassem da produção de um pequeno espetáculo finalizando as atividades da escola, exibido para todas as crianças da escola e respectivos familiares.

A experiência de trabalhar em uma creche da periferia de Campinas, aliada à forma como propusemos as atividades e as constantes consultas aos autores estudiosos do circo e das pedagogias circenses, formaram um rico material para este trabalho.

SOBRE AS MODALIDADES CIRCENSES NA ESCOLA

Claro (2007) apresenta em sua monografia de conclusão de curso que o circo tem certa importância no patrimônio cultural e na manifestação da cultura corporal e que assim, devemos apropriar-nos destes saberes em nossas aulas, pois o circo propiciará aos alunos condições de compreender a arte circense em suas vidas da forma como lhes for adequado,

[...] seja desfrutando dos conhecimentos adquiridos como prática de lazer, desejando aprofundar tais conhecimentos em busca da profissionalização nesta área, ou simplesmente podendo assistir a espetáculos circenses de maneira mais crítica. (CLARO, 2007, p. 21).

Assim ele considera relevante a sua abordagem na Educação Física escolar. Não se fala em colocar a arte circense como único tema das aulas de Educação Física, mas da importância de incluí-la no planejamento escolar.

Bortoleto (2006) traz, em seu trabalho, que a utilização dos jogos circenses, desperta sensações e produz uma motricidade que ajuda no desenvolvimento de vários aspectos da conduta humana, o que contribui de forma especial na formação humana de nossos alunos.

Durante o processo de ensino aprendizagem das atividades circenses, os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto-superação e a melhora da auto-estima. Assim torna-se um excelente veículo condutor para uma Educação Física mais artística, mais dedicada às atividades de expressão corporal (DUPRAT, 2007).

Os estudos sobre o circo podem ter uma variação muito grande, uma vez que este tema é relativamente novo no meio acadêmico. Alguns deles fornecem-nos uma base consistente para a fundamentação deste trabalho, orientando-nos teoricamente sobre a importância das aulas de circo no currículo escolar.

Encontramos nesses estudos três diferentes classificações das modalidades circenses. São elas: a classificação adotada por Invernó em 2003, que é a classificação proposta pela escola nacional de circo da França (QUADRO 1), a classificação das modalidades circenses baseadas no tamanho do material, proposta por Bortoleto e Machado em 2003 (QUADRO 2) e a proposta de uma classificação das modalidades circenses por unidades didático-pedagógicas, proposta por Duprat em 2007 (QUADRO 3), a qual optamos por utilizar neste trabalho.

A Classificação adotada pela escola de circo da França, proposta por Invernó (2003, p.5) traduzida por Duprat (2007, p.56), baseia-se na classificação realizada pelo CNAC da França.

A Classificação das modalidades circenses baseada no tamanho do material, proposta por Bortoleto e Machado (2003), objetiva a “adequação” de cada modalidade nas aulas de Educação Física. Desse modo, as modalidades que precisam de pouca infra-estrutura, utilizam materiais de tamanho pequeno, e as que não utilizam nenhum tipo de material, são as de mais fácil aplicabilidade na escola.

Duprat (2008, p. 57) acrescenta em sua dissertação que:

[...] o papel fundamental da Educação Física escolar é proporcionar o contato das crianças com as manifestações culturais existente no circo, em um nível de exigência elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, além dos aspectos lúdicos dessa prática [...].

A Classificação das modalidades circenses por unidades didático- pedagógicas, proposta por Duprat (2007), busca uma maior adequação do circo ao âmbito educativo, principalmente, para o espaço das aulas curriculares de Educação Física. O autor propõe esta classificação baseando-se nas outras duas classificações citadas acima. O foco dessa classificação são as ações motoras gerais envolvidas.

Optamos pela classificação proposta por Duprat, pois esta classificação é a que mais facilita o desenvolvimento teórico-prático dos conteúdos circenses pelo professor. Duprat (2008, p. 58) acrescenta ainda: “Para tanto, as unidades didático pedagógicas funcionam como temas organizadores que englobam determinadas capacidades físicas, habilidades motoras, conhecimentos e expressão corporal”.

Isto significa que a escolha das modalidades a serem trabalhadas pelo professor com seus alunos depende tanto da infra-estrutura da escola como dos materiais disponíveis e do número de crianças que irão participar das atividades, além dos saberes dos professores e do tempo disponível para este tipo de aula.

Quadro1: Classificação das modalidades circenses por unidades didático- pedagógicas

Unidades didático- pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades circenses
	Aéreas	Trapézio Fixo; tecido; Lira; Corda

Acrobacias	Solo/Equilíbrios	De chão (solo); Paradismo (chão e mão-jotas); Poses Acrobáticas em duplas trios e grupo
	Acrobáticos	
Manipulações	Trampolinismo	Trampolim acrobático; Mini-tramp; Maca Russa
	De objetos	Malabarismo; Predigitação e pequenas mágicas
Equilíbrios	Funambulescos	Perna de Pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Rolo Americano (rola-rola)
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas; Dança; Mímica; Música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos

Fonte: DUPRAT (2007, p. 58)

COMPARTILHANDO UMA EXPERIÊNCIA

A Fundação Douglas Andreani juntamente com a Secretaria Municipal de Educação montou a Creche Monte Cristo localizada no bairro Monte Cristo em Campinas, SP, onde o trabalho educacional é baseado na filosofia dos valores humanos.

A creche inicialmente foi montada para atender aproximadamente 300 crianças e hoje conta com aproximadamente 700 crianças de três a seis anos de idade e alguns grupos de núcleo (crianças maiores que seis anos, que estudaram na creche, e atualmente estudam na escola de ensino fundamental por um período e no outro período passam o tempo na creche desenvolvendo algumas atividades extracurriculares).

O trabalho com circo na creche inicialmente era feito somente pela “tia Geléia” (Carolina Silveira Serra) que era contratada pela Fundação para desenvolver atividades físicas com as crianças, o trabalho da Carolina teve início em agosto de 2005. Mais tarde a creche foi procurada pela UNICIRCO que é uma empresa do ator e empresário Marcos Frota, responsável por desenvolver espetáculos circenses e desenvolver atividades circenses com crianças em núcleos espalhados pela região de São Paulo, tudo isso era financiado pela Petrobrás por meio da lei Rouanet no Ministério da Cultura. Entretanto, em julho de 2008 o projeto não conseguiu a renovação no ministério devido a irregularidades dentro na empresa. Desta forma, quando contávamos com a UNICIRCO o projeto cresceu. Inicialmente contávamos com nove professores mais a coordenadora, divididos entre o período da manhã e da tarde. Com o passar do tempo, quando o projeto não conseguiu renovação no Ministério da Cultura, e a escola não tinha condições financeiras de sustentar o trabalho de dez funcionários, fomos em busca de novos financiamentos e descobrimos um edital da Secretaria de Esportes da Prefeitura de Campinas que financiava projetos esportivos para escolas e comunidades. Dessa forma, escrevemos um projeto de Ginástica Geral (já que o circo não é encarado como modalidade esportiva), mas continuaríamos utilizando o circo como elemento do nosso trabalho. Para a nossa surpresa o projeto foi aprovado, e assim conseguimos dar continuidade aos trabalhos feitos na creche, no segundo semestre de 2008, porém a verba destinada foi reduzida, e tivemos que diminuir a quantidade de funcionários de dez para quatro.

As aulas não se modificaram em sua estrutura, porém, foram reduzidas algumas aulas das crianças de maternal a infantil (elas tinham duas aulas na semana e passaram a ter somente uma aula por semana).

As aulas de circo são propostas para todas as faixas etárias, desde o maternal até o pré, porém neste artigo procuramos direcionar o estudo somente às aulas das crianças de pré (crianças de 5 e 6 anos), que compõem cinco turmas, havendo em cada turma cerca de vinte e cinco crianças.

A equipe inicialmente contava com uma coordenadora, e nove professores. Mais tarde quando a equipe se modificou, permaneceram somente quatro dos dez funcionários iniciais.

Os materiais utilizados são alguns materiais que a creche já possuía inicialmente com o trabalho da Carolina Serra e outros materiais foram comprados pela UNICIRCO quando o projeto foi iniciado na creche e deixados pela mesma ao término do projeto.

Contamos assim com três tecidos acrobáticos, um trapézio, oito colchões sarneiges finos, dois colchões gordos, um trampolim acrobático, dois mini-trampolins acrobáticos, bolinhas de malabares, tules, cordas individuais, cordas grandes, fantasias, pernas de pau, pés de lata, maquiagem para rosto, televisão, som e DVD. Contávamos também com os materiais de papelaria que a creche disponibilizava (cartolinas, papel crepon, fita crepe, tesouras, papel sulfite etc.).

As aulas para as turmas que são apresentadas neste trabalho (crianças de 5 e 6 anos), eram ministradas por dois professores para aproximadamente vinte e cinco crianças e tinham duração de trinta minutos, por duas vezes na semana.

Algumas vezes dividíamos a turma em dois grupos, e cada grupo ficava com um professor por quinze minutos; em seguida os professores trocavam as turmas, e outras vezes trabalhávamos os dois professores juntos com todas as vinte e cinco crianças, dependendo das atividades propostas para a aula.

A divisão dos conteúdos das nossas aulas era baseada na proposta de classificação das modalidades circenses por unidades didático-pedagógicas, proposta por Duprat em 2007 e já apresentada (vide QUADRO 3). Selecionamos assim, os conteúdos com quais seria possível trabalhar na creche, além disso, o bloco temático de equilíbrio acrobático foi inserido na unidade equilíbrio (QUADRO 4). Como dividimos o trabalho por modalidades, preferimos trabalhar os equilíbrios acrobáticos juntamente com equilíbrio, pois as acrobacias já estavam com muito conteúdo.

Quadro 2: As modalidades circenses e as unidades didático-pedagógicas possíveis de serem trabalhadas na creche.

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades circenses
	Aéreas	Trapézio Fixo e tecido
	Solo	De chão (solo);
Acrobacias		Paradismo (chão)
	Trampolinismo	Trampolim acrobático e Mini-tramp

Manipulações	De objetos	Malabarismo
Equilíbrios	Funambulescos	Perna de Pau e Corda Bamba;
	Equilíbrios Acrobáticos	Poses Acrobáticas em duplas, trios e grupo
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas; Dança; Mímica; Música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos

No início do ano letivo fizemos um planejamento anual, com o qual nos orientamos para fazer a programação da semana. Geralmente trabalhávamos com dois conteúdos por aula, fornecendo às crianças, por exemplo, 15 minutos de atividades de manipulação e outros 15 minutos de equilíbrio, porém algumas vezes utilizávamos uma aula inteira para abordar somente um conteúdo, dependendo do grau de necessidade de tempo de aula para cada modalidade da unidade temática.

As atividades foram registradas por meio de relatórios elaborados pelos professores, preenchidos antes e depois das atividades e algumas fotografias tiradas pelos próprios professores.

Neste trabalho, nos atentamos apenas para as atividades voltadas para as acrobacias e os jogos de manipulação, visto que o trabalho ficaria muito extenso com todas as atividades propostas.

Acrobacias

Acrobacias aéreas:

Em busca da vertigem, da realização daquilo que parece impossível, encontramos os acrobatas aéreos.

Bortoleto (2008) diz que as modalidades aéreas são aquelas que permitem espetáculos no ar, sem contato direto ou duradouro com o solo.

As acrobacias aéreas são divididas em cinco modalidades por Duprat (2007). São elas: tecido, trapézio, lira, corda indiana e acrobacias em duplas ou doble.

Escolhemos para trabalhar com nossas crianças somente o tecido e o trapézio, levando em consideração os materiais e espaços que tínhamos disponíveis.

Discorreremos agora sobre a especificidade de cada um dos elementos das acrobacias aéreas que foram utilizados nas aulas de circo da creche.

O tecido acrobático, de acordo com Duprat (2007 p. 65), possui cerca de 25 a 30 metros, dobrado ao meio e preso a uma estrutura de altura variável deixando duas pontas soltas ao solo, pelas quais “[...] o acrobata sobe e realiza a sua performance amarrando-se, enrolando-se, girando, por meio de travas e nós. Essas travas e nós são ao mesmo tempo os truques e a segurança presente na atividade.”

Bortoleto (2008, p.138) esclarece em sua obra que,

Dos aparelhos aéreos mais tradicionais das artes circenses (trapézio e suas variações, lira, bambu, corda indiana, argola olímpica etc), o tecido é um dos aparelhos de mais fácil aprendizagem, sobretudo porque o material se molda ao corpo e se adapta de acordo com as características do praticante. Já os outros aparelhos, como trapézio e a lira, por exemplo, exigem que o corpo do praticante se molde ao aparelho, beneficiando, portanto, os que têm mais flexibilidade e força.

O trapézio, para Bortoleto (2008), é constituído por uma barra e duas cordas amarradas a sua extremidade, essas cordas são fixadas a uma estrutura, com uma abertura entre as cordas um pouco maior na extremidade de cima que na de baixo, desenhando a figura geométrica de um trapézio, para dar maior estabilidade durante a realização dos truques.

No trapézio fixo são realizadas algumas poses (figuras), quedas individuais e truques, e o trapézio permanece estático, ou melhor, sem balanço (Bortoleto 2008).

Ensinar acrobacias aéreas para as crianças de Educação Infantil não é tarefa fácil, uma vez que as crianças nessa faixa etária estão conhecendo o seu corpo e ainda não adquiriram uma bagagem mais consistente de movimentos.

Apresentar uma consciência corporal para as crianças é algo muito importante neste momento. Além disso, é importante que os professores atentem as crianças para os perigos das acrobacias aéreas todas algumas vezes antes de iniciar qualquer atividade dessa modalidade.

Apesar de realizarmos as atividades com a trança baixa no tecido, e com o trapézio pendurado bem próximo ao solo, a atenção do professor no movimento das crianças e na segurança deve ser redobrada. Uma falta de atenção pode acarretar uma queda, uma torção e problemas graves para a saúde da criança.

De acordo com Bortoleto, algumas medidas devem ser tomadas todas as vezes que formos iniciar as atividades no trapézio e no tecido, são elas:

- Verificação do aparelho e a vida útil das faixas, manilhas (suporte para prender o tecido e trapézio) e das cordas que sustentam o tecido.

- Utilização de assessórios que garantam a proteção em caso de quedas. Em nossas aulas, utilizamos somente colchões, pois tanto o tecido como o trapézio ficavam como já dissemos anteriormente, próximos ao solo.

- Jamais permitir que a criança pule ou salte ao descer, mesmo que a altura seja de poucos metros, “pois as vezes a noção de profundidade e altura pode ser confundida e gerar um acidente a partir desta falha na percepção espacial” (BORTOLETO, 2008, p.173).

Geralmente, quando a criança vai fazer um movimento no tecido sem a trança, o professor deverá segurar o punho da criança junto ao tecido evitando que a criança caia se ela eventualmente perder a força durante o movimento. Também no trapézio, o professor deverá apoiar as crianças, por tratar-se de uma acrobacia aérea que exige muita força. Ao subir no trapézio, quando as crianças estão segurando a barra, devemos segurar as suas mãos juntamente com a barra, evitando que elas soltem as mãos ou se machuquem se eventualmente perderem a força.

Todas as atividades são pensadas de maneira a atrair a vontade da criança em praticá-la. Algumas vezes contamos historinhas, outras vezes mostramos vídeos, levamos desenhos, sempre variando e retomando algumas atividades e histórias para que as crianças se interessem pela atividade que será proposta.

Sempre temos no grupo todos os tipos de criança, e principalmente quando tratamos das acrobacias aéreas, existem muitas crianças com medo de altura. É importante assim, brincar com o material, e fazer com que elas tenham certa liberdade com ele. Muitas vezes só com o professor do lado, segurando as suas costas, ou apenas dando as mãos, as crianças já se sentem mais seguras.

Sabemos que as acrobacias aéreas são atividades individuais, entretanto elas também auxiliam no desenvolvimento motor da criança, ajudando no equilíbrio, coordenação de movimentos e força, além de ajudar na superação do medo e na elevação da auto-estima. Dessa maneira, uma forma que encontramos de sanar o “problema” da individualidade no tecido foi proporcionar outras atividades concomitantemente a esta que não precisassem ser direcionada pelos professores.

Embora reconhecamos o risco que as atividades no trapézio e tecido possam oferecer, nossa experiência nos mostra que a criança tem suas capacidades físicas e psíquicas estimuladas com este tipo de atividade, melhorando o equilíbrio motor, força, superando seus medos, e aumentando cada vez mais a confiança e o respeito por si próprios e a consciência da sua própria dignidade (capacidades estas que vêm sendo superficialmente resumidas e pronunciadas diuturnamente como “auto-estima”) único caminho capaz de conduzir o indivíduo para que ele adquira a verdadeira qualidade de cidadão e venha a ser um indivíduo pleno de direitos e obrigações contribuindo para a transformação de um mundo melhor.

Acrobacias de Trampolinismo

As acrobacias de trampolinismo englobam algumas modalidades como: cama elástica, báscula russa, maca russa, mini-trampolim entre outras.

Neste trabalho em específico utilizamos somente a cama elástica e o mini-trampolim, devido a escassez dos outros materiais.

As acrobacias de trampolinismo, de acordo com Duprat (2007. p. 69), são “acrobacias que possuem uma fase de vo superior as fases de vo da acrobacia de solo, devido a um implemento que impulsiona os artistas a altura superiores, de três a oito metros”.

Duprat (2007) ainda acrescenta em sua dissertao de mestrado que a execuo das acrobacias nos aparelhos deve ter certa harmonia. Os artistas no salto podem executar saltos mortais, duplos, até quádruplos mortais e piruetas das mais variadas.

Segundo o mesmo autor as aterrissagens podem acontecer na volta da acrobacia para o próprio aparelho, como  o caso da cama elástica, ou para um colo de aterrissagem, ou ainda para as mãos de um port.

As acrobacias de trampolinismo são muito esperadas pelas crianças. Acreditamos que esta espera esteja relacionada com a ludicidade do trampolim acrobático (cama elástica), uma vez que encontramos nos dias de hoje cama elástica até em festas infantis.

Justamente por ser um aparelho tão divertido aos olhos das crianças, devemos tomar muito cuidado para que as nossas aulas não virem somente diversão sem conteúdos a serem tratados.

É importante que as crianças tenham a consciência de que algumas atividades serão desenvolvidas naquele aparelho, e que existe hora certa de brincar livremente e de brincar de forma dirigida.

É importante, também, a presença do professor próximo às crianças quando estão executando o movimento.

É importante que no trampolim acrobático, as crianças executem os saltos no centro do trampolim, pois, ao pularem próximo às laterais, as crianças acabam sendo “jogadas para fora” do trampolim, acarretando acidentes graves.

Além disso, é importante que o material seja observado antes de iniciarmos a aula, evitando molas soltas (o que já aconteceu conosco diversas vezes) ou qualquer outro imprevisto.

No mini-trampolim, a presença do professor também é muito importante, evitando que as crianças empurrem umas as outras na fila, atrapalhando quem está iniciando a corrida para o salto.

Tentar perceber e executar um movimento no plano aéreo é uma experiência nova a qual poucos têm possibilidades de conhecer. Essa experiência exige da criança um controle corporal intenso, contribuindo assim para uma nova percepção de seu corpo. Além disso, o aprendizado psicológico de superação de medo e a satisfação ao conseguirem executar tal movimento é surpreendentemente interessante.

Acrobacias de solo

Duprat (2007) nos esclarece que as acrobacias de solo são semelhantes aos exercícios ginásticos realizados no solo da Ginástica Artística, e que dependendo da região onde são praticados recebem nomes diferentes. Fazem parte das acrobacias de solo: rolamentos, estrelas, mortais, flic-flacs entre outros.

Segundo Bortoleto (2008) as acrobacias são uma combinação de saltos, rotações e momentos de equilíbrio, e que o domínio desses elementos ajudaria na melhoria da performance circense dos gestos acrobáticos. “O Acrobata deve aprender a saltar no solo, fazer parada de mão, flic-flac, rodantes, falsetas, aprender a cair de maneira correta, saber o que pode ou não fazer. A acrobacia é a base para o mundo do circo.” (MATTOS citado por BORTOLETO, 2008, p. 20)

Em especial, nesta escola, trabalhamos com rolamento frente, rolamento costas, estrelinha, parada de mão, ponte e iniciação ao mortal. Falaremos agora um pouquinho sobre cada um desses movimentos.

Popularmente conhecido como cambalhota, o rolamento frente é definido por Bortoleto como “... uma acrobacia elementar de baixo impacto por manter o corpo próximo ao corpo e ser executada sem grandes necessidades energéticas ou condições corporais [...]” (BORTOLETO, 2008, p. 20)

Popularmente conhecido como rolamento costas o rolamento para trás, pode também ser considerado como uma acrobacia fundamental, pois inicia os praticantes para o espaço “desconhecido” (sem visão). “Trata-se de uma rotação completa (360 graus) ao redor do eixo transversal do corpo, com contato permanente no solo (sem vôle) cujo momento mais importante é a passagem do corpo sobre a região cervical.” (BORTOLETO, 2008. p. 22).

A parada de mãos desenvolve principalmente o equilíbrio estático, reconhecimento da posição invertida do corpo e é uma excelente atividade para ganho de consciência e tonicidade corporal (tônus contraído).

A estrela é denominada como apoio invertido lateral passageiro. A concentração do indivíduo nessa acrobacia, mais que as acrobacias citadas acima, faz-se necessária, pois, por estar executando o movimento lateralmente, geralmente há um déficit na visão e no equilíbrio do acrobata.

A ponte para trás exige flexibilidade de ombro e de coluna, geralmente esse exercício não exige impulso algum. Bortoleto (2008) fala que as exigências desse movimento aliado à lentidão do mesmo, auxiliam no melhoramento do domínio corporal e ajudam no alongamento das articulações envolvidas.

O mortal é um dos elementos mais complexos e perigosos da ginástica, dessa maneira trabalhamos na creche somente com atividades de giro no ar, sem entrar especificamente no mortal.

Em geral, as aulas de acrobacias de solo são aulas em que todas as crianças participam juntas em todas as etapas. Por isso a aula acaba sendo muito dinâmica e sem que as crianças fiquem esperando. Além disso, as modalidades da acrobacia de solo são atividades que algumas crianças já fazem em casa, na capoeira, ou até mesmo na ginástica. Dessa maneira, dentro de um mesmo grupo, temos crianças que já sabem executar alguns movimentos (mesmo que não saibam as técnicas) e crianças que não sabem como funciona.

O professor deve estar atento para proteger todas as crianças. Aquelas que têm mais dificuldade às vezes necessitam de maior atenção em alguns momentos, assim o professor deve auxiliá-las, para que não se machuquem.

É complicado para a criança colocar em prática tudo aquilo que ela está vendo o professor fazer, dessa maneira é preciso que tomemos cuidado ao passar uma explicação, pois esta se não for totalmente detalhada pode gerar dúvidas nos movimentos das crianças e causar, assim, um desconforto que poderia ser evitado através de um simples comando diferenciado.

No rolamento para frente, quando a criança vai começar a executar o movimento, ela se esquece de manter o queixo no peito, podendo assim machucar o pescoço. É importante então que o profissional, antes de começar a dar o rolamento, converse com as crianças para saber quem já fez e quem nunca fez o movimento. Assim aqueles que nunca fizeram deverão ser auxiliados pelos professores e estes devem fazer a segurança na nuca e nos quadris das crianças.

O rolamento costas é um pouco mais complicado para o entendimento das crianças. Assim, elas se esquecem de empurrar o chão quando o peso do corpo está passando sobre a cabeça, podendo machucar dessa maneira o pescoço. O professor assim como no rolamento frente deve estar atento a isso, e fazer a proteção na nuca, e ajudar no movimento impulsionando os quadris da criança quando necessário.

A parada de mão é algo bem tranquilo de lidar com as crianças. Principalmente depois que fazemos todos os educativos as crianças sentem mais facilidade para executar o movimento. Mesmo assim, devemos atentar para a perda na força dos braços da criança quando ela está executando o movimento, pois, muitas vezes elas relaxam o braço, e colocam a cabeça no chão.

A estrelinha é uma das modalidades que tivemos maior dificuldade de explicar para as crianças, por ser um movimento lateral, além de as crianças perderem um pouco a noção do equilíbrio. Dessa maneira, trabalhamos mais os educativos do que executamos a estrelinha propriamente dita. As crianças que sabiam executar o movimento também ajudavam as outras que ainda não conseguiam.

A ponte foi uma atividade transmitida com tranquilidade para as crianças, embora exija de nós muito cuidado quando as colocamos na parede, pois elas podem machucar o rosto. É importante colocarmos um colchão na parede para que elas possam descer até o chão.

Queremos deixar claro que o objetivo do trabalho na creche não é formar especialistas em artes circenses, e sim levar um pouquinho do circo para a cultura corporal das crianças, sem exigir muito da capacidade física de cada um, e respeitando todos os limites do corpo.

Manipulação de objetos

O malabarismo é a arte de manipular objetos com agilidade, ou executar um gesto complexo, lidando com situações difíceis e instáveis sem perder o domínio e o controle, usando um ou mais objetos, em que os métodos de manipulação não são misteriosos como no ilusionismo. É uma das mais típicas artes do circo, apesar de não ser necessariamente relacionada a ele em sua história. A origem do malabarismo é incerta, mas há registros que indicam ser uma arte praticada desde a antiguidade.

Em geral malabaristas dividem suas técnicas em categorias, agrupando o que realizam em função dos materiais que manejam, sejam estes: claves, bolas, aros, diabolôs, tules, swing, cigarbox, etc.

Tratamos em nossas aulas a manipulação dos tules, bolinhas, swing, cigarbox, e também a manipulação da corda.

Buscamos levar para as crianças apenas uma vivência com os materiais. Não exigimos que elas conseguissem finalizar todos os movimentos.

Levamos, também, bastante material de audiovisual para que as crianças conhecessem os materiais que iríamos trabalhar e também que vissem como são executados alguns movimentos.

A confecção do balangandan e da bolinha de painço foi um sucesso. Todas as crianças adoraram saber que poderiam fazer as bolinhas e levá-las para brincar em casa.

É preciso ter atenção contínua com os materiais para que não joguem nos colegas.

Também é preciso ressaltar a importância de cuidarmos do material para que ele possa estar disponível para toda a escola e que, todos somos responsáveis por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho desenvolvido trouxe para as crianças muita alegria e diversão que é exatamente o que eles buscam nesta etapa de suas vidas. Além disso, nos

mostrou que é possível respeitando os interesses delas, o desenvolvimento da educação motora e da cultura corporal da criança.

A fantasia do circo exige uma dedicação imensa do professor, uma vez que este tem que estar sempre preparado para todas as possibilidades. A atividade não acontece se o professor não se fantasiar e não entrar na história junto com as crianças. É necessário, portanto muito esforço por parte do professor para fugir da realidade e entrar no mundo do jogo. Se o professor não tiver essa disposição, seu trabalho pode satisfazer seus interesses, mas não o interesse das crianças.

As crianças que freqüentam a Creche Monte Cristo da FDA precisavam do carinho e dedicação não só das pessoas que moravam no bairro, mas também das pessoas de fora da realidade deles que pudessem apresentar algo novo e mágico. Não estamos querendo dizer que as pessoas do bairro não têm capacidade de desenvolver um trabalho como o nosso na creche, mas sim que este trabalho de sair de Barão Geraldo de dentro da UNICAMP e levar um pouco do nosso conhecimento para aquelas pessoas que não os tem, é algo com extrema importância. Acreditamos que a relação entre a creche e os professores das atividades circenses foi uma relação de troca muito boa, no sentido em que acrescentou conhecimentos dos dois lados. Se por um lado ensinamos o que sabemos das atividades circenses e levamos o divertimento tão esperado pelas crianças, por outro conhecemos outra realidade a qual nos fez valorizar um pouco mais as nossas vidas.

Com o trabalho desenvolvido na creche aprendemos como lidar com as crianças, o que fazer para que a aula se torne interessante, como agir em certas situações de desordem, como entrar no mundo da criança sem deixar de ser a professora, entender o tempo do aprendizado delas respeitando o seu tempo individual e entendemos principalmente que não adianta gritar mais alto do que elas, que quando decidimos falar baixo elas se esforçam para ficar quietas e desenvolvem mais atenção. Enfim, as crianças nos educaram para que nós pudéssemos educá-las.

Durante o processo de ensino aprendizagem das atividades circenses, os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto-superação e a melhora da auto-estima. Assim torna-se um excelente veículo condutor para uma Educação Física mais artística, mais dedicada às atividades de expressão corporal (DUPRAT, 2007).

Cada atividade dentro das modalidades circenses possui a sua especificidade, assim, pode parecer que as atividades de acrobacias aéreas, por serem atividades individuais, não deveriam ser desenvolvidas na escola, entretanto, elas são atividades que auxiliam no processo da educação motora da criança, dando-lhe equilíbrio, força, coordenação, além de superação de capacidades e conseqüente aumento da sua auto-estima. Dessa maneira se estas atividades forem colocadas juntamente a outras e as crianças não ficarem muito tempo esperando na fila, acreditamos que o trabalho é um trabalho possível e divertido para as crianças.

Alguns materiais como o trampolim acrobático fazem com que as crianças fiquem muito eufóricas, dessa maneira é importante que antes iniciar as atividades haja uma conversa com as crianças sobre o que realmente faremos com/no material e também precisamos deixar claro que existe o tempo de fazer as atividades dirigidas e o tempo de fazer as atividades livres. Uma vez no mês as crianças têm a oportunidade de utilizarem o material da forma como quiserem respeitando a integridade do material, nós chamamos esse dia de circo aberto.

Às vezes é importante que as crianças tenham momentos livres para a criação do movimento, isso também faz parte de seus processos de aprendizagem. Muitas vezes as deixamos criarem coreografias e atividades com os materiais, e aceitamos as suas opiniões, pois isto é importante para o seu desenvolvimento social, sendo interessante para a criança que suas idéias também sejam aceitas pelo grupo.

A opção de desenvolver a confecção de materiais alternativos é uma opção muito legal para a realidade daquelas crianças em especial. Apesar de muitas delas não terem condições nem de comprar o material alternativo, eles ficam muito contentes de poderem levar o material que eles mesmos produziram para suas casas.

Estamos cientes que aulas de 30 minutos com um grupo de aproximadamente 25 crianças, não é a realidade de qualquer escola. Sabemos do sucateamento da educação e da superlotação das salas de aulas, entretanto, esta disposição da creche Monte Cristo em especial facilita o nosso trabalho.

Claro (2007) apresenta em sua monografia de conclusão de curso que o circo tem certa importância no patrimônio cultural e na manifestação da cultura corporal e que assim, devemos apropriar-nos do conhecimento dele em nossas aulas, pois o circo propiciará aos alunos condições de compreender a arte circense em suas vidas da forma como lhes for adequado

[...] seja desfrutando dos conhecimentos adquiridos como prática de lazer, desejando aprofundar tais conhecimentos em busca da profissionalização nesta área, ou simplesmente podendo assistir a espetáculos circenses de maneira mais crítica. (CLARO, 2007, p. 21).

Assim ele considera relevante a sua abordagem na Educação Física escolar. Não se fala em colocar a arte circense como único tema das aulas de Educação Física, mas da importância de incluí-la no planejamento escolar.

O objetivo do nosso trabalho, não foi fazer uma receita de aulas de circo das modalidades acrobáticas e de manipulação e sim apresentar possibilidades da utilização do circo como uma área a ser tratada na Educação Física no ensino infantil.

Acreditamos que trabalhar com o circo em uma escola de ensino formal de educação infantil que tenha certa quantidade de materiais disponíveis para a realização de determinadas atividades pedagógicas por nós propostas, é realmente um privilégio. Justamente por isso, julgamos ser possível que estas atividades possam acontecer naquelas escolas que se dispuserem a oferecer materiais adequados para o desenvolvimento de algumas atividades circenses que muito podem contribuir para a formação da criança em sua totalidade, colaborando assim com o objetivo maior da educação que é a construção do homem como indivíduo capaz de assumir responsabilidades e lutar pelos seus direitos. Esperamos assim que este trabalho possa chamar a atenção dos profissionais de Educação Física e das escolas de Educação Infantil, para a riqueza das aulas de circo na cultura corporal das crianças. Esperamos que os profissionais sintam-se motivados para englobar as atividades circenses como conteúdo das aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

ANTUALPA, K. F. **Ginástica rítmica e contorcionismo: primeiras aproximações**. 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) – Faculdade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BORTOLETO, M. A. C. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n.3, p.125-133, set./dez. 2003.

_____. Rola-bola: iniciação. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.4, n.4/5, jan./dez. 2004.

_____. Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico. In: **Revista Stadium**, Buenos Aires, ano 35, n.195, p.15–26, mar. 2006.

_____. Introdução a pedagogia das atividades circenses, Jundiaí: Editora Fontoura, 2008.

_____.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o circo e a Educação Física. **Corpoconsciência**, Santo André, n.12, p.39-69, jul/dez.2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC: SEF, 1998. v.1.

CLARO, T. S. **Arte circense e Educação Física: Compartilhando uma experiência Pedagógica**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, 2007.

DUPRAT, R. M. **Circo e ginástica artística: Estudo das pedagogias de ensino e treinamento no trapézio e na barra fixa**. 2003. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. **A arte circense como conteúdo da Educação Física**. 2004. Relatório final de atividades de Iniciação Científica. Campinas: Faculdade de Educação Física: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

INVERNÓ, J. **Circo y educación física: outra forma de aprender**. Barcelona: INDE publicaciones,2003.

KISHIMOTO, T. M. Política de formação profissional para a educação infantil: pedagogia e normal superior. **Educação & Sociedade**: formação de profissionais da educação: políticas e tendências, n. 68, p. 61-79, 1999.

LIMA, F. C. **A Educação Física na educação infantil**: um estudo de caso na cidade de Casa Branca/SP. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

LÓPES, M. P. M. **A Educação Física na educação infantil do município de São Paulo**: necessária à formação e capacitação da criança. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MAEKAWA. M. R. **Arte, circo e Educação Física**. 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) – Faculdade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação**: programa de educação em valores humanos. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.

PARMA, M. **Palhaço Tachinha**: do picadeiro para as aulas de Educação Física. 2007. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) – Faculdade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SABATINO, A. **Circo e palhaço**: relações com a Educação Física. 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Graduação) – Faculdade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SAYÃO, D. T. Educação Física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, v.11, n.13, p.221-38, 1999.